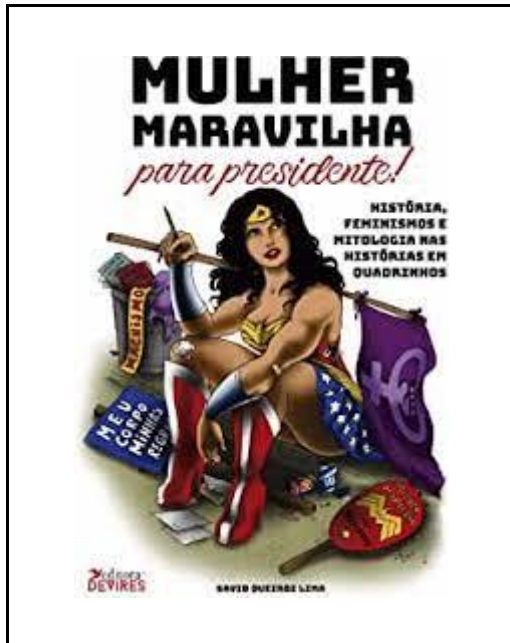




RESENHA

LIMA, Sávio Queiroz. *Mulher Maravilha para Presidente!:* História, feminismos e mitologia nas histórias em quadrinhos. Salvador: Devires, 2019. 234p.

Responsável pela resenha
Alexandre Bartilotti Machado¹
Márcia Maria da Silva Barreiros²



Resumo: Combinando o uso de HQ's com reflexões sobre o feminismo, o livro de Sávio Lima, *Mulher Maravilha para Presidente!:* História, feminismos e mitologia nas histórias em quadrinhos (2019) aborda o desenvolvimento da personagem Mulher Maravilha desde sua criação até sua apropriação pelo movimento feminista e pelas grandes empresas de entretenimento. Explicar as diversas fases pelas quais a personagem passou são um dos grandes interesses do autor. Habilidade no uso da fonte literária, Lima produz em *Mulher Maravilha para Presidente!* uma obra de fácil leitura e com bom embasamento teórico, um belo exemplo para os historiadores interessados na temática.

Palavras-chave: História da Literatura. Gênero. Feminismos.

Abstract: Combining the use of comics with reflections on feminism, Sávio Lima's book *Mulher Maravilha para Presidente!:* História, feminismos e mitologia nas histórias em quadrinhos (2019) addresses the development of the Wonder Woman from her creation to her appropriation by the feminists movements and the big entertainment companies. Explaining the various phases which the character has passed is one of the author's great interests. Skilled in the use of literary sources, Lima produces in *Mulher Maravilha para Presidente!* a fine book to read, a good example for historians interested in this subject.

Keywords: History of literature. Gender. Feminism.

¹Graduado em História – Licenciatura. Universidade do Estado da Bahia (mestrando, orientando da Profa. Dra. Márcia M. S. Barreiros), Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: alexandrebmachado@yahoo.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0028759224499737>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9561-8721>.

² Doutora em História pela PUC. Universidade do Estado da Bahia (Professora Titular), Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: mmbarreiros@yahoo.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7417303124625735>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3917-4310>.

Resumen: Combinando el uso del cómic con reflexiones sobre el feminismo, el libro de Sávio Lima *Mulher Maravilha para Presidente!: História, feminismos e mitologia nas histórias em quadrinhos* (2019) aborda el desarrollo de la Mujer Maravilla desde su creación hasta su apropiación por los movimientos feministas y las grandes empresas de entretenimiento. Explicar las diversas fases por las que ha pasado el personaje es uno de los grandes intereses de la autora. Hábil na utilização das fontes literárias, Lima produz em *¡Mulher Maravilha para Presidente!* uma leitura fina, um bom exemplo para historiadores interessados nesta matéria.

Palabras clave: Historia de la literatura. Género. Feminismo.

DOS QUADRINHOS ÀS PASSEATAS: A MULHER MARAVILHA E A HISTÓRIA, SEGUNDO SÁVIO QUEIROZ LIMA

Em 2019, foi lançado, pelo historiador baiano Savio Queiroz Lima, o livro *Mulher Maravilha para Presidente!: História, feminismos e mitologia nas histórias em quadrinhos*. Advindo da grande diversidade de temas aceitos pela História correntemente, o livro, que foca nos estudos de gênero, utiliza uma nova fonte possível: as histórias em quadrinhos. A obra, fruto da dissertação de Mestrado do autor, se propõe a ser um estudo acerca da Mulher Maravilha, relacionando-a aos feminismos e à mitologia que a cerca. O livro conta com dois prefácios de importantes historiadoras contemporâneas: Mary del Priore, que foi orientadora do autor durante seu Mestrado, e Márcia Barreiros, autora de *Entre a tinta e o papel: Memórias de leituras e escritas femininas na Bahia - 1870-1920* (2005). O autor compôs uma longa introdução à obra, que trata primeiramente dos desafios do historiador frente às suas fontes, relacionando Batman e seu caráter detetivesco ao labor investigativo do pesquisador. Tendo sido fruto de disputa comerciais e, também, discursivas, a personagem ganhou diferentes traços durante seu desenvolvimento. A quem a Mulher Maravilha defende – ou melhor, que ideia ela defende –, a quem ela condena e mesmo quem é ela durante o tempo é o que o autor tenta responder.

Savio Queiroz Lima possui graduação em História pela UCSAL – Universidade Católica do Salvador (2008) e Mestrado em História pela UNIVERSO – Universidade Salgado de Oliveira. Dentre os temas que o interessam, destacam-se: literatura e história, além de teorias e métodos da historiografia. Tem experiência nos seguintes períodos: História Moderna e História Contemporânea, utilizando, como suas fontes, na maioria das vezes, histórias em quadrinhos.

No primeiro capítulo, intitulado *A Cavalgada da Amazona*, já no primeiro tópico, *Iniciando uma jornada investigativa*, apresenta o tempo e o espaço de que parte Lima em sua

investigação: o ano de 1972 nos Estados, o momento em que “surge o questionamento de que papel a personagem das histórias em quadrinhos, Mulher Maravilha, tem diante do movimento feminista [...]” (LIMA, 2019, p. 40). Em seguida, o pesquisador expõe o episódio que teria gerado essa associação da Mulher Maravilha aos movimentos feministas no cenário americano: a publicação da *Ms Magazine*, “Fundada por Gloria Steinem e Dorothy Pittman Hughes e editada por Suzanne Braun Levine e Clay Felker [...]” (LIMA, 2019, p. 41), que trazia na capa a Mulher Maravilha junto à mensagem que dá título ao livro. O livro começa a se aprofundar na temática a que se propõe na quarta sessão do mesmo, quando começa a investigar as raízes da Mulher Maravilha como símbolo feminista, através de uma análise do contexto de onde ela surge, o contexto histórico do lugar social das mulheres nos esforços da guerra e do pós-guerra: “A Mulher Maravilha foi feita por claro objetivo científico e político de seu idealizador. Foi um projeto pedagógico que tinha nos quadrinhos um suporte mais que oportuno” (LIMA, 2019, p. 52). Dissertando especificamente sobre o contexto do pós-guerra, o autor afirma que

Ainda persistia a diferença salarial e com o fim do conflito armado essas mulheres voltaram para o interior das casas e ocupações domésticas que lhe eram atribuídas. Mas a presença feminina no mercado de trabalho, então, permitiu que muitas mulheres se conscientizassem de que poderiam, sim, ocupar postos e assumir carreiras posteriormente (LIMA, 2019, p. 56).

Nesse sentido, Savio Lima afirma que desde o fim da Segunda Guerra até a emergência da guerra global, os heróis foram criados, elencados e separados conforme suas disposições políticas e ideológicas, “dentro e fora dos limites territoriais estadunidenses” (LIMA, 2019, p. 56). Então começamos a ser expostos ao processo de criação da Mulher Maravilha através da biografia de William Moulton Marston (1893-1947), que, erudito que era, relacionava a sociedade mítica das amazonas gregas à ascensão dos movimentos feministas de seu tempo – com seus braceletes mágicos e seu laço da verdade. Concluindo o primeiro capítulo, o pesquisador une as duas cenas com as quais trabalhou – a publicação da *Ms Magazine* em 1972 e o contexto de criação da Mulher Maravilha na década de quarenta – para mostrar as raízes históricas da Mulher Maravilha com o mundo que a circundava em seu nascedouro.

No segundo capítulo, *Mulher Maravilha para Presidente!*, Lima começa focando nas publicações pré-feministas e feministas, atentando-se ao fato de que essa progressiva

[...] sensação de conquista das reivindicações, principalmente o seu tópico mais importante, o sufrágio, se fortaleceu nas décadas de 30 e 40. Uma abertura social se deu com a inserção das mulheres nas instituições de ensino superior, e no mercado de trabalho com a evasão masculina em prol da Segunda Guerra Mundial (LIMA, 2019, p. 93).

É na chamada Primeira Onda Feminista que a Mulher Maravilha começa a ser publicada. Se sempre houve mulheres que desviavam dos padrões domésticos impostos pela cultura normativa, agora, através do Feminismo e de seus símbolos, como a Mulher Maravilha, essas mulheres passam a ter voz e possibilidade de expressão de outras possibilidades de feminino. Nesse sentido, no meio de “diversas publicações diárias, semanais ou mensais, em *newsstands*, surgia com força a Mulher Maravilha e sua icônica figura.” (LIMA, 2019, p. 94). Contudo, assaz o grande sucesso de vendas que Mulher Maravilha se tornou, não tardaram a vir as críticas de setores antifeministas da sociedade: destacamos aqui o Comitê de Bispos Católicos, que estavam contra as vestimentas da personagem, representantes da Medicina, como a Dra. Laretta Bender e seu residente, Reginald Laurie, que chegaram a escrever um artigo intitulado *O Efeito dos Quadrinhos na Ideologia das Crianças* (1941), que criticavam os valores da personagem, além de Josett Frank, que escreveu contra as tendências sadistas da personagem.

Com a morte de William Marston em 1947, as críticas à Mulher Maravilha só cresceram. Se destaca aqui o trabalho de Frederic Wertham, *Seduction of The Innocent* (1954), que indicava evidente caráter homossexual nas histórias de Batman e Robin, além de um caráter mórbido antimasculino da Mulher Maravilha. No meio disto, desprezando os pedidos da viúva de Marston para continuar escrevendo no lugar dele as histórias da personagem, a editora concede o título de roteirista a Robert Kanigher, famoso roteirista de histórias militares, que tratou de feminilizar a personagem, deixando-a mais esguia e delicada, retirando-a do protagonismo de cenas de ação, tornando-a, enfim, semelhante às personagens românticas. Kanigher, então, passa a outras revistas e a Mulher Maravilha fica a cargo de outra equipe, mais atenta às mudanças sociais em curso na segunda metade da década de sessenta, que altera sua mitologia, que a colocam como uma representante das amazonas do mundo dos homens (LIMA, 2019, p. 113). Surgem, nesse período, novas questões propostas pelos feminismos:

Questionamento do período dos sufragistas, a igualdade salarial só entra como pauta legal em proposta política décadas depois. Apesar dos esforços de convencer as mulheres de que os direitos alcançados pelo voto já contemplavam o máximo de suas participações políticas, uma dialética entre os desejos de mudanças e a expansão de conhecimentos acerca das dinâmicas humanas, inclusive as de gênero, fomentou um novo fôlego para o combate à desigualdade e injustiça que se baseavam nas diferenças entre os sexos (LIMA, 2019, p. 116).

Nesse período, mais modificações são colocadas à Mulher Maravilha, desta vez a fim de adequá-la à agenda feminista do final da década de sessenta: seus superpoderes advindos da sociedade amazônica desaparecem e ela se torna uma espiã, que, assim como Batman, deveria ser “poderosa por suas próprias escolhas” (LIMA, 2019, p. 124). Até mesmo sua roupa já seguia uma nova estética, dessa vez influenciada pela *Pop Art*, com uso de mangas três quartos e calça preta brilhante, compondo, no fim, um visual semelhante às de uma moderna mulher de elite do final da década de sessenta. Em meio a essas reflexões, o autor relaciona sua discussão à primeira capa pintada por ele: a publicação da *Ms Magazine* com a Mulher Maravilha na capa usando a tradicional roupa de dominatrix conforme composta por William Mastron. Retornando ao ponto de partida do livro, Lima enfatiza que “A presença da Mulher Maravilha estampada na capa da primeira revista feminista comercial [a *Ms Magazine*] era bastante significativa.”, posto que “Já se percebia uma apropriação cultural do personagem produto do entretenimento enquanto ícone de um movimento de libertação das mulheres de um específico colonialismo: o machismo e seu totem, o patriarcado.”, podendo se perceber no fim que “A trajetória desde a criação da super-heroína até este momento, em 1972, marca uma estrada de signos, de imagens, de construções de representações e reconhecimentos.” (LIMA, 2019, p. 147). Reconhecendo o poder da literatura enquanto construtora de representações possíveis acerca dos tipos humanos, o escritor enfatiza que é em 1972 que a Mulher Maravilha se torna, de fato, um ícone feminista incorporado pelo próprio feminismo estadunidense da Segunda Onda. Nesse sentido, o autor, após se perguntar acerca de quem seria a Mulher Maravilha migrando seu questionamento rumo a outra discussão: de qual Mulher Maravilha estaríamos falando (LIMA, 2019, p. 147)?

Então o escritor prossegue para o terceiro e último capítulo de sua obra, intitulado *De Themyscira a Bana-Mighdall*. É aqui que ele expõe sua opinião profissional acerca da relação entre história, memória e produtos de mercado, focando nos quadrinhos enquanto fonte histórica:

Ainda que seja um dever profissional conciliar as tensões existentes entre história e memória, é preciso voltar à fonte em sua naturalidade. Justamente essa relação de fonte a ser investigada, quando possível separada, para que o inquérito seja possível dentro do ofício do historiador. As histórias em quadrinhos são frutos não apenas desse espaço de produção coletiva e experiência de memória individual. A própria memória não é apenas um imperfeito vestígio, mas um mecanismo de compreensão do passado, até mesmo pelo seu esquecimento (LIMA, 2019, p. 149).

Este último capítulo equivale a um adendo teórico em termos históricos e historiográficos acerca das informações trazidas anteriormente, juntando a isso uma visão do futuro da Mulher Maravilha pós-1972. Nesse sentido, o projeto de Delany se destaca, haja vista as críticas que recebeu de setores reacionários, como uma proposta similar à original de Marston, focada em “educar os leitores masculinos”, expondo temas, como: diferença salarial e assédio. Em meio a isso, o escritor mostra como o ano de 1973 foi importante para o projeto da Mulher Maravilha, com a estreia de uma série sobre a mesma na televisão americana, e como o ano de 1975 a consagrou internacionalmente, através de uma multiplicidade de visões advindas de diferentes setores do movimento feminista sobre a personagem e seus significados, chegando a um ponto em que “A autocrítica do movimento feminista foi, aos poucos, dando lugar a um ressentimento que culminou entre ataques entre membros” no decorrer da década de setenta.

Através de duas estratégias discursivas, o *trashing* – baseado em expor a reputação de uma pessoa a fim de condenar suas ideias, foi utilizado por feministas contra elas mesmas – e o *backlashing*, utilizado por setores conservadores contra os movimentos feministas – baseado em totalizar e depreciar as discussões de um determinado movimento a fim de dar voz ao reacionarismo –, o autor demonstra como o Feminismo e a imagem da Mulher Maravilha, agora associada à *Ms Magazine* foi tratada de formas tão diferentes e mesmo divergentes nos anos que se seguiram a 1972.

Levando à discussão à década de oitenta, o autor demonstra como o contexto histórico das mentalidades opera mais uma vez na indústria cultural, produzindo modificações sobre a Mulher Maravilha: nesse momento, ocorrem adições à mitologia primitiva da Mulher Maravilha, adicionando às histórias, também, discussões sobre raça; ocorre também a exposição da cidade fictícia de Bana-Mighdall, em oposição às amazonas de Themyschira, enfatizando a cisão entre o feminismo radical e o feminismo liberal. Terminando o terceiro

capítulo, expondo as relações da personagem com a Terceira Onda do Feminismo, o autor argumenta que:

A importância da mitologia da Mulher Maravilha, de sua criação às tentativas de readequação da mesma, até a reformulação dos anos de 1980, em sintonia com o feminismo, entretanto, continuou. De todas as personagens super-heroínas das histórias em quadrinhos, a Mulher Maravilha destaca-se por conta dessas aproximações e afastamentos com as agendas feministas das ondas que vivenciou enquanto produto da Indústria Cultural. Com certa segurança, pode-se dizer que a Mulher Maravilha é um sintoma social de imaginário sobre o feminismo.

No fim, percebe-se que o livro *Mulher Maravilha para Presidente!: História, feminismo e mitologia nas histórias em quadrinhos*, de Savio Queiroz Lima, é uma obra crítica acerca das diferentes apropriações que a Mulher Maravilha recebeu ao longo de sua história. Tomando como ponto de partida a publicação da *Ms Magazine*, o escritor nos leva através de comentários críticos a refletir sobre a relação entre Indústria Cultural, memória e história. Além disso, ao abordar a questão de gênero, através das diferentes pautas feministas, Lima nos fornece uma visão atualizada e crítica acerca da história de tais movimentos, levando em consideração suas especificidades temporais e espaciais em termos de raça, classe e gênero. A obra é, portanto, material recomendável àqueles interessados em histórias em quadrinhos, na história do feminismo e, de maneira geral, em História.

Recebido em: 27 de julho de 2023

Aceito em: 31 de julho de 2023
